

Monteiro Lobato:

O Maravilhoso Universo do Sítio



LOBATO: Um sonhador lúcido

José Bento Monteiro Lobato, um homem que viveu à frente de seu tempo com seus ideais, sonhos, projetos e ações. Aos sete anos de idade, já revelava sua personalidade determinada e inquieta ao mudar seu nome de José Renato para José Bento, a fim de usar uma bengala gravada com as iniciais do nome de seu pai, JBML. Na adolescência fundou um jornal na escola, manuscrito e lido pelo próprio autor durante os recreios, iniciando nesse momento seu percurso com a escrita literária. Lobato também iniciou cedo suas leituras e passava horas na biblioteca do avô durante a infância. Na fase adulta foi um cidadão preocupado com a realidade social e política em que estava inserido e lutou pelo desenvolvimento e modernização do Brasil. Realizou campanhas e empreendeu ações nacionalistas, entre elas a campanha pela extração do petróleo no Brasil.

Como editor, trabalhou na publicação de novos escritores brasileiros e nas vendas da literatura nacional, a fim de valorizá-la e incentivar a leitura no país. Como escritor, Lobato é considerado o precursor da literatura infantil no Brasil. Um desejo seu era fazer livros onde as crianças pudessem morar e assim encantou leitores infantis de sua época e ainda encanta os leitores contemporâneos com o maravilhoso universo do Sítio e seus personagens. Em suas narrativas há diversidade de conteúdos e conhecimentos, tornando evidente a preocupação do escritor com a formação das crianças não apenas como leitoras, mas também como indivíduos historicamente situados que participassem efetivamente da vida em sociedade, exercendo sua cidadania.

Através de sua literatura infantil, Lobato permanece vivo no imaginário e nos corações de seus leitores de todas as épocas. Sua obra infantil, ainda que tenha sido escrita há quase cem anos, propicia discussões e reflexões fundamentais para a formação, informação e prazer das crianças e também dos adultos.

Pâmela Bastos Machado
Curadora



BIOGRAFIA

José Renato Monteiro Lobato nasceu em 18 de abril de 1882 em Taubaté (SP). Filho de José Bento Marcondes Lobato e Olívia Augusta Monteiro Lobato, era chamado de Juca por seus familiares. Aos treze anos, Lobato foi enviado pelo pai para São Paulo para concluir o estudo das matérias indispensáveis à matrícula do curso superior. Aos dezoito anos, entrou para a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco onde permaneceu por cinco anos contra sua vontade, por imposição de seu avô, pois o sonho dele era ser pintor. Em 1907, Lobato se formou em Ciências Jurídicas e Sociais e se mudou para a cidade de Areias, onde foi nomeado promotor. Mas sendo um homem inquieto e insatisfeito com sua posição, reclamava da vida pacata de Areias e buscava superar o tédio dedicando-se às suas leituras.

Em 1918 publicou seu primeiro livro para adultos intitulado *Urupês*, pela Editora Revista do Brasil que ele havia comprado no mesmo ano. Em 1920 publicou seu primeiro livro infantil *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Nos anos seguintes de sua vida, Lobato se dedicou à escrita de histórias para crianças e publicou dezenas de livros da coleção *O Sítio do Picapau Amarelo*. Escrever livros que agradassem às crianças era naquele momento o que o escritor mais desejava em sua carreira.

Monteiro Lobato faleceu em 4 de julho de 1948, em São Paulo. Escreveu para adultos, mas celebrizou-se como escritor infantil e criador de *O Sítio do Picapau Amarelo* influenciando, especialmente, as gerações de crianças leitoras entre as décadas de 1920 a 1950 no Brasil. Suas obras completas são constituídas por 17 volumes dirigidos às crianças e 17 para adultos, englobando contos, ensaios, artigos e correspondências.

Ilustração: Manoel Victor Filho



MEMÓRIAS DE EMÍLIA

“– Agora escreva: Capítulo Primeiro. O Visconde escreveu e ficou à espera do resto.

Emília, de testinha franzida, não sabia como começar.

Isso de começar não é fácil. Muito mais simples é acabar. Pinga-se um ponto final e pronto; ou então escreve-se um latinzinho: FINIS.

Mas começar é terrível. Emília pensou, pensou, e por fim disse:

– Bote um ponto de interrogação; ou, antes, bote vários pontos de interrogação. Bota seis...

O Visconde abriu a boca.

– Vamos, Visconde. Bote aí seis pontos de interrogação – insistiu a boneca. – Não vê que estou indecisa, interrogando-me a mim mesma?

E foi assim que as ‘Memórias da Marquesa de Rabicó’ principiaram dum modo absolutamente imprevisto:

Capítulo Primeiro

????????? (...) ”

*Do livro Memórias da Emília. São Paulo: Globo, 2007.
Ilustração: Belmonte*



HISTÓRIAS DE TIA NASTÁCIA



“Pedrinho, na varanda, lia um jornal. De repente parou e disse à Emília, que andava rondando por ali:

–Vá perguntar à vovó o que quer dizer folk-lore.
–Vá? Dobre a sua língua. Eu só faço coisas quando me pedem por favor.

Pedrinho, que estava com preguiça de levantar-se, cedeu à exigência da ex-boneca.

–Emilinha do coração – disse ele –, faça-me o maravilhoso favor de ir perguntar à vovó que coisa significa a palavra folk-lore, sim, teteia? Emília foi e voltou com a resposta.

– Dona Benta disse que folk quer dizer gente, povo; e lore quer dizer sabedoria, ciência. Folclore são as coisas que o povo sabe por boca, de um contar para o outro, de pais a filhos – os contos, as histórias, as anedotas, as superstições, as bobagens, a sabedoria popular etc. e tal. Por que pergunta isso, Pedrinho?

O menino calou-se. Estava pensativo, com os olhos lá longe. Depois disse:

– Uma ideia que eu tive. Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando de um para outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer Tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela.

Emília arregalou os olhos.

– Não está má a ideia, não, Pedrinho! Às vezes a gente tem uma coisa muito interessante em casa e nem percebe.”



HISTÓRIAS DIVERSAS

“Meu nome é Nicolau Indefônsius Nicoméδιο.

Nacionalidade e idade?

Nasci na Pérsia no ano de 1425.

Casado ou solteiro? Solteiro, foi a resposta da galanteza – e suspirou.

Onde encontrar uma mulher do meu tamanho, com quem casar-me?

Eu estava admiradíssimo de ele ser tão idoso e conservar o aspecto de rapazinho.

Como é que não envelhece, Polegar?

Porque pertenco à turma dos ‘personagens’. Envelhecem vocês, gente;

os ‘personagens’, não. Peter Pan, Emília, o Gato de Botas, Capinha

Vermelha, a Gata Borralheira, todos nós não somos gente, somos

‘personagens’. Ontem passei o dia com a Gata Borralheira; está a

mesminha do tempo do baile em que perdeu o sapato. (...)”

Do livro Histórias Diversas. São Paulo: Globo, 2011.

Ilustração: Camilo Riani



FÁBULAS

“O pavão, de roda aberta em forma de leque, dizia com desprezo ao corvo:

- Repare como sou belo! Que cauda, hein? Que cores, que maravilhosa plumagem! Sou das aves a mais formosa, a mais perfeita, não?
- Não há dúvida que você é um belo bicho – disse o corvo. Mas, perfeito? Alto lá!
- Quem quer criticar-me! Um bicho preto, capenga, desengraçado e, além disso, ave de mau agouro... Que falha você vê em mim, ó tição de penas?

O corvo respondeu:

- Noto que para abater o orgulho dos pavões a natureza lhes deu um par de patas que, faça-me o favor, envergonharia até a um pobre diabo como eu...
 - O pavão, que nunca tinha reparado nos próprios pés, abaixou-se e contemplou-os longamente. E, desapontado, foi andando o seu caminho sem replicar coisa nenhuma.
- Tinha razão o corvo: não há beleza sem senão.”



- “– Que quer dizer ‘senão’, vovó?
- Aqui nesta frase quer dizer ‘defeito’.
- E por que senão é defeito?
- Porque o modo de botar um defeito em alguém ou alguma coisa era sempre por meio do “senão” e por fim essa palavra ficou sinônima de defeito.
- “Fulana seria muito bonitinha se não fosse aquele nariz de coruja.” [...]
- Mas é verdade, vovó, que não há mesmo beleza sem senão?
- A fábula diz que não há e as fábulas sabem...”

OS 12 TRABALHOS DO HÉRCULES

“Emília tomou a palavra:

– Somos do sítio de Dona Benta, Senhor Hércules. Este aqui é o Pedrinho, o neto número um e primo de Narizinho. E esta aranha de cartola (o Visconde já estava de cartolinha na cabeça) é o famoso sábio Sabugosa, carregador da minha canastra.

Fugimos lá do sítio, montados no pó de pirlimpimpim, unicamente para acompanhar os Onze Trabalhos de Hércules que nos faltam. Já temos um na coleção.

Hércules ficou na mesma. Olhava para um, olhava para outro e não entendia nada de nada. Emília continuou:

– Queremos ajudá-lo, Senhor Hércules, e já o ajudamos na sua luta contra o leão. Quem deu a idéia do afogamento fui eu, que sou a ‘dadeira de idéias’ lá no sítio. Caçoam de mim, chamam-me asneirenta, dizem que tenho uma torneirinha de asneira – mas nos momentos de aperto é comigo que todos se arranjam.”

*Do livro Os Doze Trabalhos de Hércules.
São Paulo: Globo, 2010.
Ilustração: Manoel Victor Filho*



O MINOTAURO

"(...)

– Porque para o homem o clima 'certo' é um só: o da liberdade.

Só nesse clima o homem se sente feliz e prospera harmoniosamente. Quando muda o clima e a liberdade desaparece, vem a tristeza,

a aflição, o desespero, e a decadência. Como dou a vocês a máxima liberdade, todos vivem no maior contentamento, a inventar e realizar tremendas aventuras. Mas se eu fosse uma avó má, das que amarram os netos com os cordéis do 'não pode' – não pode isto, não pode aquilo, sem dar as razões do 'não pode' – vocês viveriam tristes e amarelos, ou sem liberdade de movimentos e sem o direito de dizer o que sentem e pensam. A Grécia meus filhos, foi o Sítio do Picapau Amarelo da antiguidade, foi a terra da Imaginação às soltas. Por isso floresceu como um pé de ipê. A arquitetura e a escultura chegaram a um ponto que até hoje nos espanta. O pensamento enriqueceu-se das mais belas idéias que o mundo conhece – e deu flores raríssimas, como a sabedoria de Sócrates e Platão...



– Que coisa gostosa viver na Grécia daquele tempo! – exclamou Pedrinho, com um suspiro de nostalgia.

[...]

– Viva o Sítio do Picapau Amarelo da antiguidade! – berrou Emília – e as ondas do mar, como um eco repetiram: Viva! Viva!..."



Do livro *O Minotauro*. São Paulo: Globo, 2010.
Ilustração: Manoel Victor Filho

REINAÇÕES DE NARIZINHO

“Dona Aranha tirou dos seus armários de madrepérola um vestido cor do mar com todos os seus peixinhos; e com o maior pouco-caso, como se fosse de alguma casinha barata, desdobrou-o diante das freguesas assombradas.

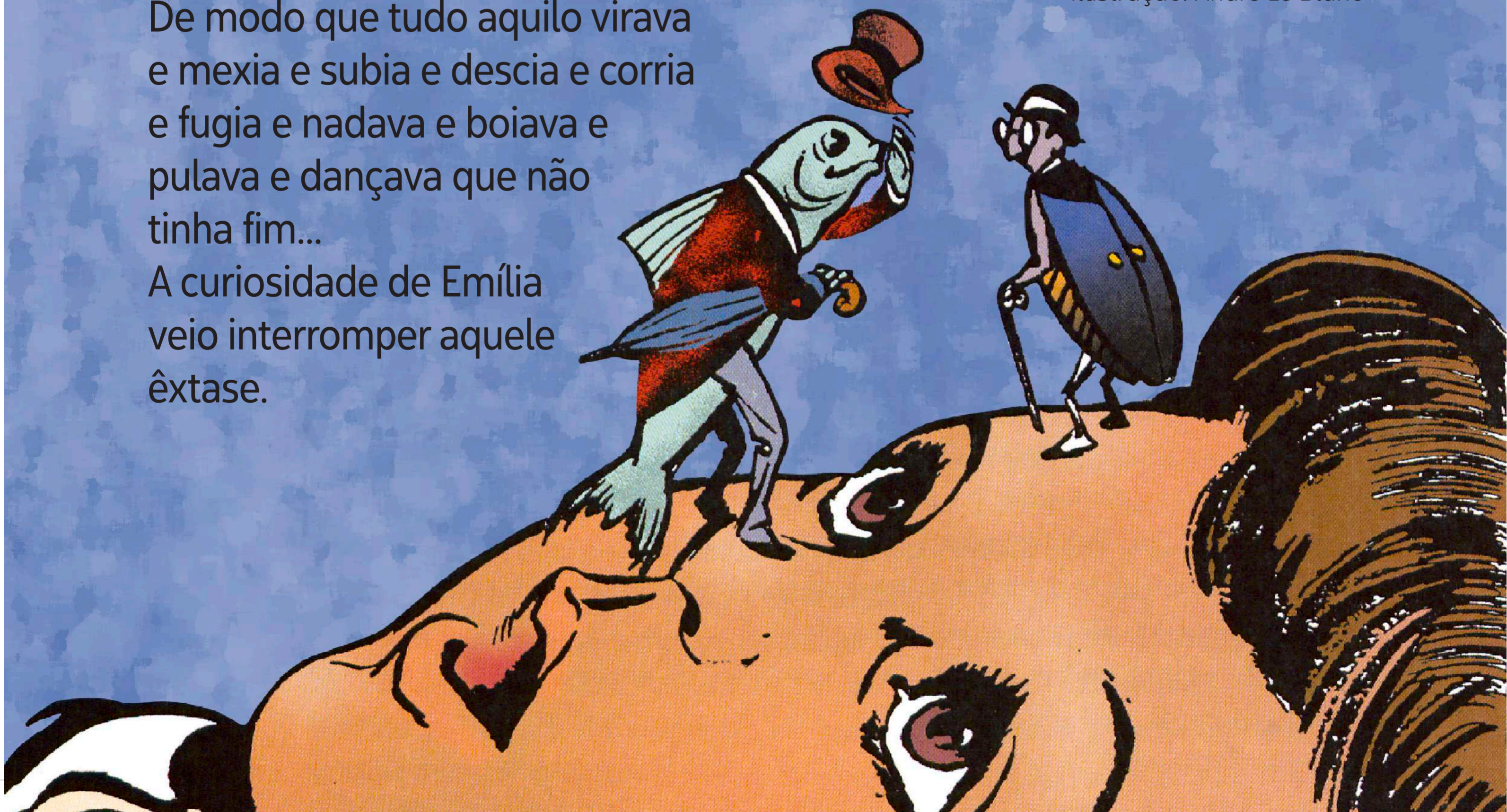
[...]

O mais lindo era que o vestido não parava um só instante. Não parava de faiscar e brilhar, e piscar e furtar-cor, porque os peixinhos não paravam de nadar nele, descrevendo as mais caprichosas curvas por entre as algas boiantes. As algas ondeavam as suas cabeleiras verdes e os peixinhos brincavam de rodear os fios ondulantes sem nunca tocá-los nem com a pontinha do rabo. De modo que tudo aquilo virava e mexia e subia e descia e corria e fugia e nadava e boiava e pulava e dançava que não tinha fim...

A curiosidade de Emília veio interromper aquele êxtase.

- Mas quem é que fabrica esta fazenda, dona Aranha?
- perguntou ela, apalpando o tecido sem que Narizinho visse.
- Este tecido é feito pela fada Miragem – respondeu a costureira.
- E com que a senhora o corta?
- Com a tesoura da Imaginação.
- E com que agulha o cose?
- Com a agulha da Fantasia.
- E com que linha?
- Com a linha do Sonho.
- E... por quanto vende o metro? Narizinho, já mais senhora de si, deu-lhe uma cotovelada.
- Cale-se Emília. Os peixinhos podem assustar-se com as suas asneiras e fugir do vestido. (...)

*Do livro Reinações de Narizinho. 48.
ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
Ilustração: André Le Blanc*



PETER PAN

“– Wendy – continuou Dona Benta – recebeu o botão e ficou de olhos postos em Peter Pan. Súbito, perguntou:

– ‘Que idade você tem, Peter Pan?’

– ‘Não sei. Só sei que sou bastante criança. Fugi de casa no mesmo dia em que nasci.’

– ‘No mesmo dia em que nasceu? Que ideia! E por que, meu caro?’

– ‘Porque ouvi uma conversa entre meu pai e minha mãe sobre o que eu havia de ser quando crescesse. Ora, eu não queria crescer. Não queria, nem quero nunca virar homem grande, de bigodeira na cara feito taturana. Muito melhor ficar menino, não acha: Por isso fugi e fui viver com as fadas.’

Wendy quase perdeu a fala de tanto gosto, ao saber que estava diante dum menino conhecedor de fadas. Ela ouvia sua mãe contar histórias de fadas, mas não havia nunca falado com alguém que as conhecesse pessoalmente.

– ‘É verdade isso, Peter? Há mesmo fadas ou você está a mangar comigo?’

– ‘Verdade, sim, Wendy. Não muitas, mas há.’

– ‘E de onde vêm elas?’

– ‘Então não sabe, Wendy? Parece incrível! Não há quem não saiba disso...’

– ‘Pois eu não sei. Conte.’

– ‘Foi assim. A primeira fada apareceu no mundo no dia em que a primeira criança nascida deu a primeira risadinha.’

– ‘Oh, nesse caso deve haver uma fada para cada criança no mundo, porque todas as crianças dão uma primeira risadinha’ – observou Wendy.

– ‘Assim devia ser – confirmou Peter Pan, – se as fadas não fossem as criaturas mais fáceis de morrer que existem. Morrem como passarinhos.

Cada vez, por exemplo, que uma criança diz que não acredita em fadas, morre uma. (...)”



VIAGEM AO CÉU

“ Emília, porém, viu coisas tremendas.

– Estou vendo, sim! – gritou ela. – Estou vendo um dragão verde, tal qual lagarto, com uma língua vermelha de fora. Língua de ponta de flecha. São Jorge, a cavalo, está espetando a lança no pescoço do coitado...

– Será possível? – exclamou Pedrinho, afastando-a do telescópio para espiar de novo – mas continuou a não ver nada.

– Você está sonhando, Emília. Não se vê nem a Lua, quanto mais o dragão.

– Pois eu vejo tudo com o maior ‘perfeizume’ – insistiu Emília voltando ao telescópio. – Um dragão de escamas... Com unhas afiadas... Um rabo comprido dando duas voltas.

Os meninos entreolharam-se. Verdade ou mentira?

A boneca tinha fama de possuir uns olhos verdadeiramente mágicos mas quem podia jurar sobre o que ela afirmava? A ânsia de ver coisas, porém, era maior que a dúvida, de modo que resolveram aceitar como verdade as afirmações da Emília e nomeá-la a ‘olhadeira do telescópio’. Ela que fosse vendo tudo e contando aos outros.”

*Do livro Viagem ao Céu. São Paulo: Globo, 2008.
Ilustração: Paulo Borges*



A CHAVE DO TAMANHO

“O Visconde ia aprovando com a cabeça, e o Coronel, ignorantíssimo como era, admirou-se de que um gigante daquele tamanho aprovasse as ‘tolices’ da Emília. A ideia de que ele tivesse diminuído, em vez de todas as coisas terem aumentado, não lhe entrava na cabeça.

– Se todas as criaturas diminuíssem – disse ele – como o Visconde ficou tão grande!

– Visconde não mudou, porque é milho.

– Mas ele fala, pensa, é uma perfeita gente...

– Sim, e isso é um dos mistérios do mundo.

O Visconde pensa, fala e me obedece.

Comporta-se em tudo como gente – mas não come. Logo, não é gente. Já viu gente que não coma, Coronel?

– E você, Emília? Se também diminuiu, então é que é gente – mas toda a vida ouvi dizer que era boneca. Como explica o mistério?

– Muito simples. Eu de fato já fui boneca de pano. Mas evoluí e virei gente.”



*Do livro A chave do tamanho. São Paulo: Globo, 2008.
Ilustração: Paulo Borges*

O SACI

“Tão impressionado ficou Pedrinho com esta conversa que dali por diante só pensava em saci, e até começou a enxergar sacis por toda parte. Dona Benta caçoou, dizendo:

– Cuidado! Já vi contar a história de um menino que de tanto pensar em saci acabou virando saci...

Pedrinho não fez caso da história, e um dia, enchendo-se de coragem, resolveu pegar um. Foi de novo em procura do Tio Barnabé.

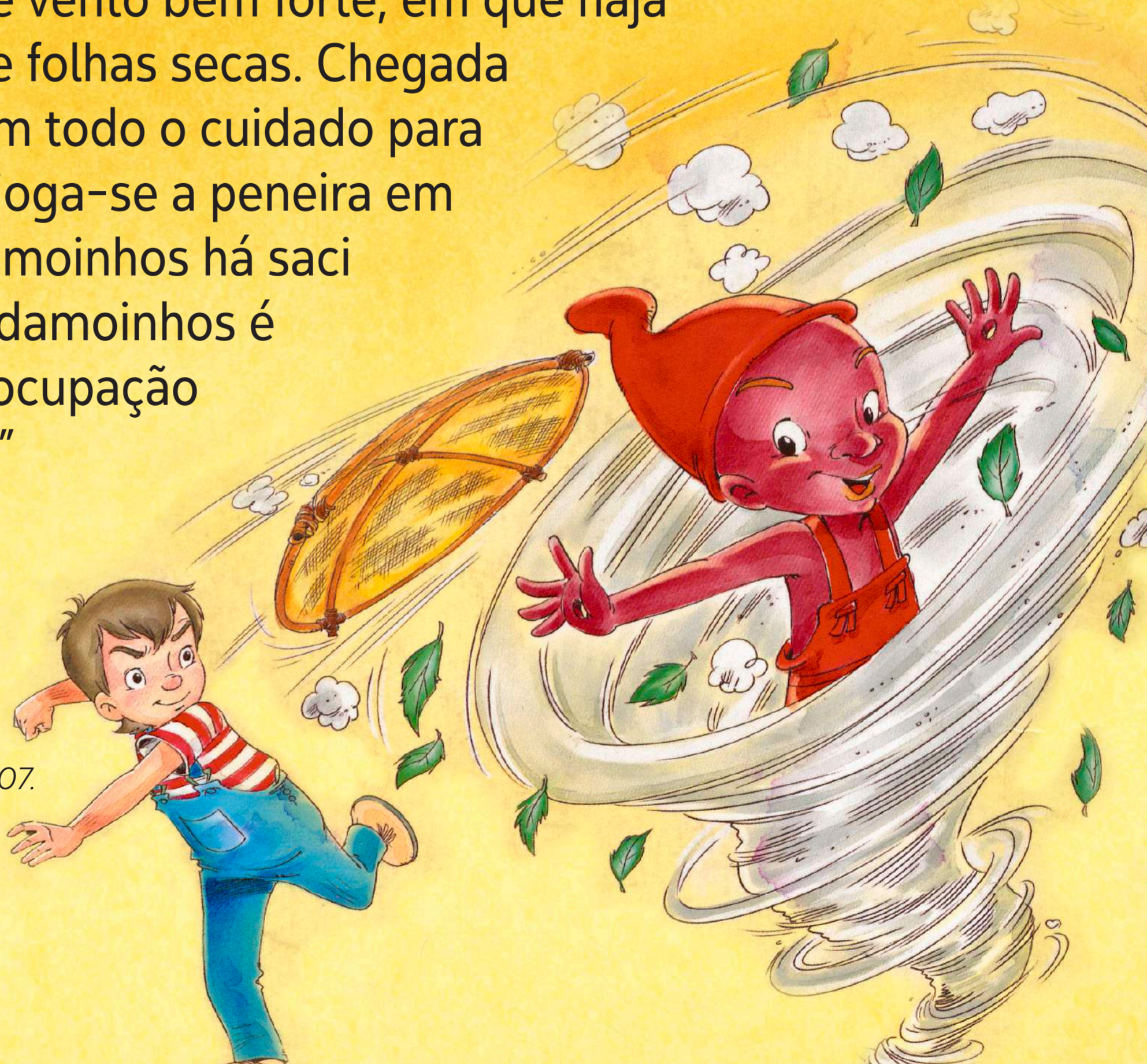
– Estou resolvido a pegar um saci – disse ele – e quero que o senhor me ensine o melhor meio.

Tio Barnabé riu-se daquela valentia.

– Gosto de ver um menino assim. Bem mostra que é neto do defunto sinhô velho, um homem que não tinha medo nem de mula-sem-cabeça. Há muitos jeitos de pegar saci, mas o melhor é o de peneira. Arranja-se uma peneira de cruzeta...

– Peneira de cruzeta? – interrompeu o menino. – Que é isso?

– Nunca reparou que certas peneiras têm duas taquaras mais largas que se cruzam bem no meio e servem para reforço? Olhe aqui – e Tio Barnabé mostrou ao menino uma das tais peneiras que estava ali num canto. – Pois bem, arranja-se uma peneira destas e fica-se esperando um dia de vento bem forte, em que haja rodaminho de poeira e folhas secas. Chegada essa ocasião, vai-se com todo o cuidado para o rodaminho e zás! – joga-se a peneira em cima. Em todos os rodaminhos há saci dentro, porque fazer rodaminhos é justamente a principal ocupação dos sacis neste mundo.”





DOM QUIXOTE

“Nesse momento Tia Nastácia entrou para avisar que uma pessoa lá na varanda queria ver Dona Benta. A velha saiu, deixando a criançada só.

Emília pôs-se a pular pela sala, como uma perfeita louca. Voltando para Pedrinho, Narizinho disse:

- As histórias de Dom Quixote estão virando a cabeça dela. Você vai ver, Pedrinho: o fim de Emília é no hospício...
- Ganjademaiséisso – explicou o menino.
- Aqui quem manda é ela. Tudo quanto ela faz, aquele sujeito conta nos livros. Daí

a ganha. Emília já não respeita ninguém. Não obedece a ninguém – nem à vovó.

Emília continuava a dar vira cambotas. Depois foi buscar um cabinho de vassoura e disse que era lança, e começou a espetar todo mundo. E botou um cinzeiro de latão na cabeça, dizendo que era o elmo de Mambrino. Por fim montou no Visconde, dizendo que era Rocinante. Foi demais aquilo. Narizinho não aguentou. Correu pra cima dela e deu-lhe um peteleco.

Nesse momento Dona Benta voltou.

- Que barulhada é esta, meninos?
- É inveja, Dona Benta! – berrou Emília. – Esses dois não me aturam mais, de inveja pura, puríssima – e ria-se, ria-se...
- Inveja de quê? – perguntou Narizinho. [...]
- Inveja, sim! – berrou Emília. – Sou de pano, sim, mas de pano falante, engraçado paninho louco, paninho aqui da pontinha. Não tenho medo de vocês todos reunidos. Aguento qualquer discussão. A mim ninguém me embrulha nem governa. Sou do chifre furado – bonequinha de circo. Dona Quixotina...

Dona Benta arregalou os olhos. Emília parecia realmente louca.”

CAÇADAS DE PEDRINHO

“Pedrinho já havia resolvido o problema da defesa.

– Como não temos armas de fogo para enfrentar as onças – disse ele – lembrei do seguinte. Faço uma porção de pernas de pau bem compridas; um par de pernas para cada morador do sítio, inclusive o Marquês e as galinhas. Quando as onças nos atacarem, subiremos sobre essas pernas de pau, bem lá no alto – e quero ver!...

– E se as onças também subirem pelas pernas de pau acima? – perguntou a menina.

– Impossível – respondeu ele. – Além de serem pernas muito compridas e de bambu, que é liso, ainda serão enebadas. Cada uma corresponderá a um verdadeiro pau-de-sebo. Nem macaco será capaz de subir.

Foi considerada ótima a ideia e Pedrinho correu em busca da foice e do serrote.

[...]

Seguramente uma hora foi gasta naquilo de amarrar quatro pernas de pau nas perninhas do leitão e fazê-lo equilibrar-se sobre os espeques. Bem que ele esperneou, gritou, como se o estivessem matando como uma faca de ponta bem pontuda. Atraída pelos seus gritos, tia Nastácia apareceu na porta da cozinha para ver o que era – e quase desmaiou de susto vendo o bandinho lá em cima, pernejando pernilongamente pelo terreiro.

– Corra Sinhá! – gritou para dentro.

– Venha ver o ‘felómeno’ que aconteceu com a criançada. Está tudo pernilongo!...”

*Do livro Caçadas de Pedrinho. São Paulo: Globo, 2008.
Ilustração: Manoel Victor Filho*



A REFORMA DA NATUREZA

“– E a vaca Mocha? – perguntou a Rã. – Vai reformá-la também?

– Claro que sim – e já. Acompanhe-me.

Lá se foram as duas para o pastinho da Mocha, que estava pachorrentamente mascando umas palhas de milho. Ficaram diante dela, de mãos à cintura, discutindo a reforma.

– Eu mudava o depósito de leite – disse a Rãzinha. – Punha torneirinha nas tetas para evitar o que hoje acontece: para tirar o leite os vaqueiros apertam as tetas com as suas mãos sujíssimas – uma porcaria. Com o sistema de torneira essas mãos não tocam nas tetas. Emília deu uma risada gostosa.

– Que bobagem! Bem se vê que você é menina do Rio de Janeiro. Pois não sabe que a função das tetas é dar leite aos bezerros? Como pode um bezerrinho mamar em torneiras?

– Ensinávamos os bezerros a abrir as torneiras.

– Não – declarou Emília. – Muito complicado. Na Mocha quero umas reformas úteis para ela mesma e não para as criaturas que a exploram. Vou pôr a cauda da Mocha bem no meio das costas, porque assim como está só alcança metade do corpo. Como pode a coitada espantar as moscas que lhe sentam no pescoço, se o espanador só chega às costelas? Tudo errado...

E plantou a cauda da Mocha no meio das costas de modo que pudesse espantar as moscas do corpo inteiro; norte, sul, leste, oeste. E passou as tetas para os lados, metade à esquerda, metade à direita.

– Assim podemos tirar leite de um lado enquanto o bezerrinho mama do outro. Reforma não é brincadeira. Precisa ciência.

– Ótimo! – concordou a Rã. – E podemos botar torneirinhas nas tetas do lado direito – para serviço dos leiteiros.

As do lado esquerdo ficam como são – para uso dos bezerrinhos.

Emília aprovou a ideia. Depois passaram a considerar os chifres.”



O PICAPAU AMARELO

“Prezadíssima Senhora Dona Benta Encerrabodes de Oliveira:

Saudações. Tem esta por fim comunicar a Vossa Excelência que nós, os habitantes do Mundo da Fábula, não aguentamos mais a saudade do Sítio do Picapau Amarelo, e estamos a mudar-nos para aí definitivamente. O resto do mundo anda uma coisa da mais sem graça. Aí é que é bom. Em vista disso, mudar-nos-emos todos para sua casa – se a senhora der licença, está claro...’ .

O assanhamento da criançada subiu 100 graus, que é o ponto de fervura da água. Ficaram todos borbulhantes de alegria. Pedrinho disparou a fazer projetos de brincadeiras com Aladino e o Príncipe Conadade. Narizinho queria conversar de não acabar mais com Branca de Neve e a Menina da Capinha Vermelha. Até o Visconde lambeu os beiços, ansioso por uma discussão científica com Mr. de La Fontaine, o famoso fabulista encontrado na viagem feita ao ‘País da Fábula’.

– Que suco vai ser vovó! Todos aqui, imagine! Será que vem D. Quixote?”

*Do livro O Picapau Amarelo. São Paulo: Globo, 2010.
Ilustração: Manoel Victor Filho*



O POÇO DO VISCONDE

“– Realmente. No dia em que tal acontecer e o Brasil passar de comprador a vendedor de petróleo, então deixaremos de ver essa coisa tristíssima de hoje – milhões de brasileiros descalços, analfabetos, andrajosos – na miséria. O Brasil tem todos os elementos para tornar-se um país riquíssimo – mas riquíssimo de verdade, e não, como hoje, apenas rico de ‘possibilidades’ – ou de ‘garganta’.

– Bravos, Visconde – exclamou Dona Benta. – Nem parece que é um sabuguinho que está falando.

– Pudera! – gritou Emília. – Num país onde até os ministros não pensam em petróleo, ou quando falam nele é para negar, só mesmo dando a palavra a um sabugo. Viva o Senhor Visconde do Poço Fundo! O sabugo geológico agradeceu as homenagens e continuou. Apesar de brotado de um pé de milho, ele amava a terra que produziu esse pé de milho.

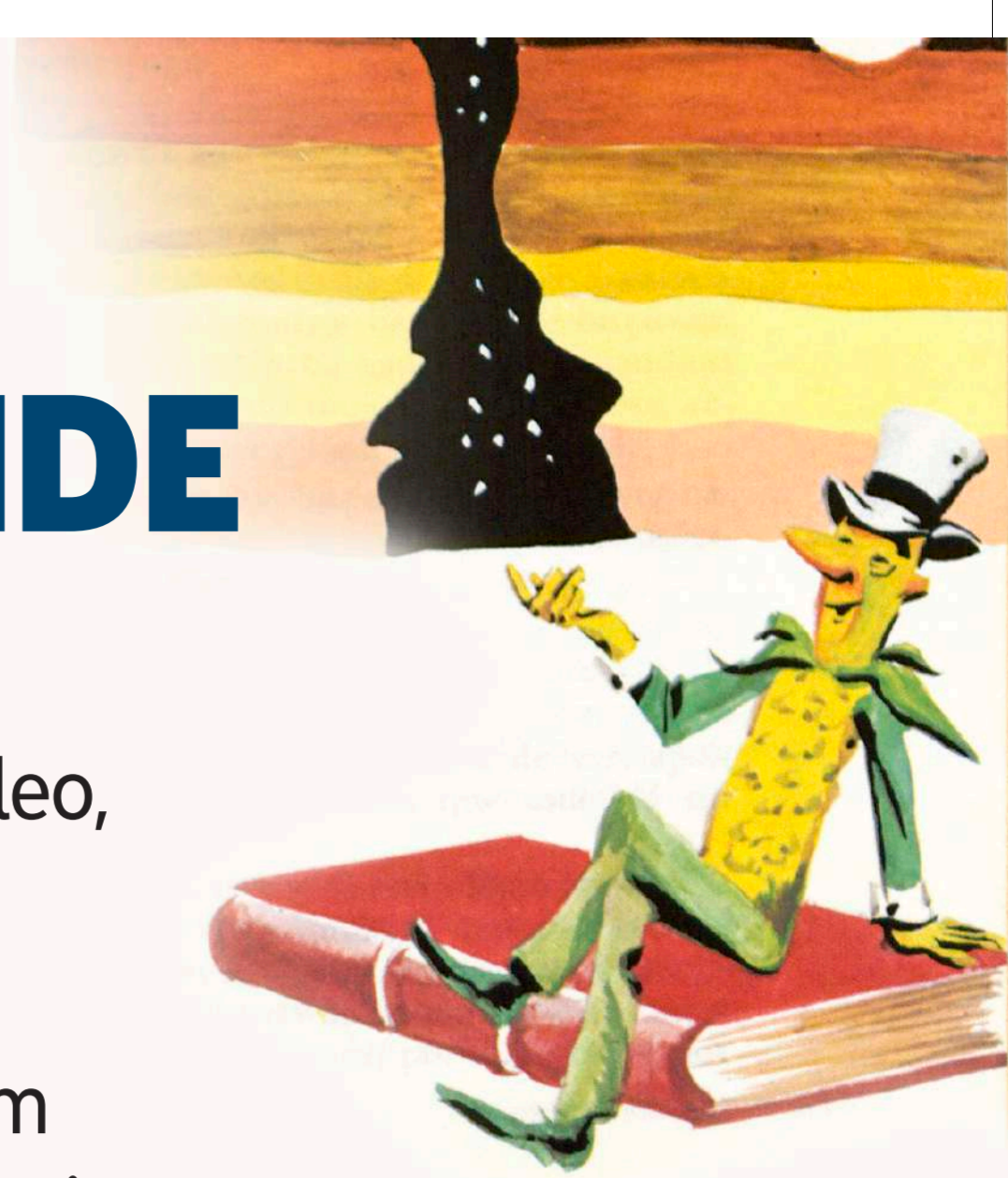
– Sim, havemos de crescer e aparecer. Havemos de tirar petróleo aos milhões de barris. Havemos de exportar petróleo para todos os países, e de queimá-lo aqui em quantidades tremendas, para matar a nossa maior inimiga, que é a Distância. Abaixo a Distância! Viva o matador da Distância!

– ‘Viva! Viva’ – berraram todos.

– ‘Visconde’ – advertiu Narizinho – ‘petróleo é combustível e Vossa Excelência está pegando fogo. Sossegue um pouco e continue a lição.’”

Do livro O poço do Visconde. São Paulo: Globo, 2010.

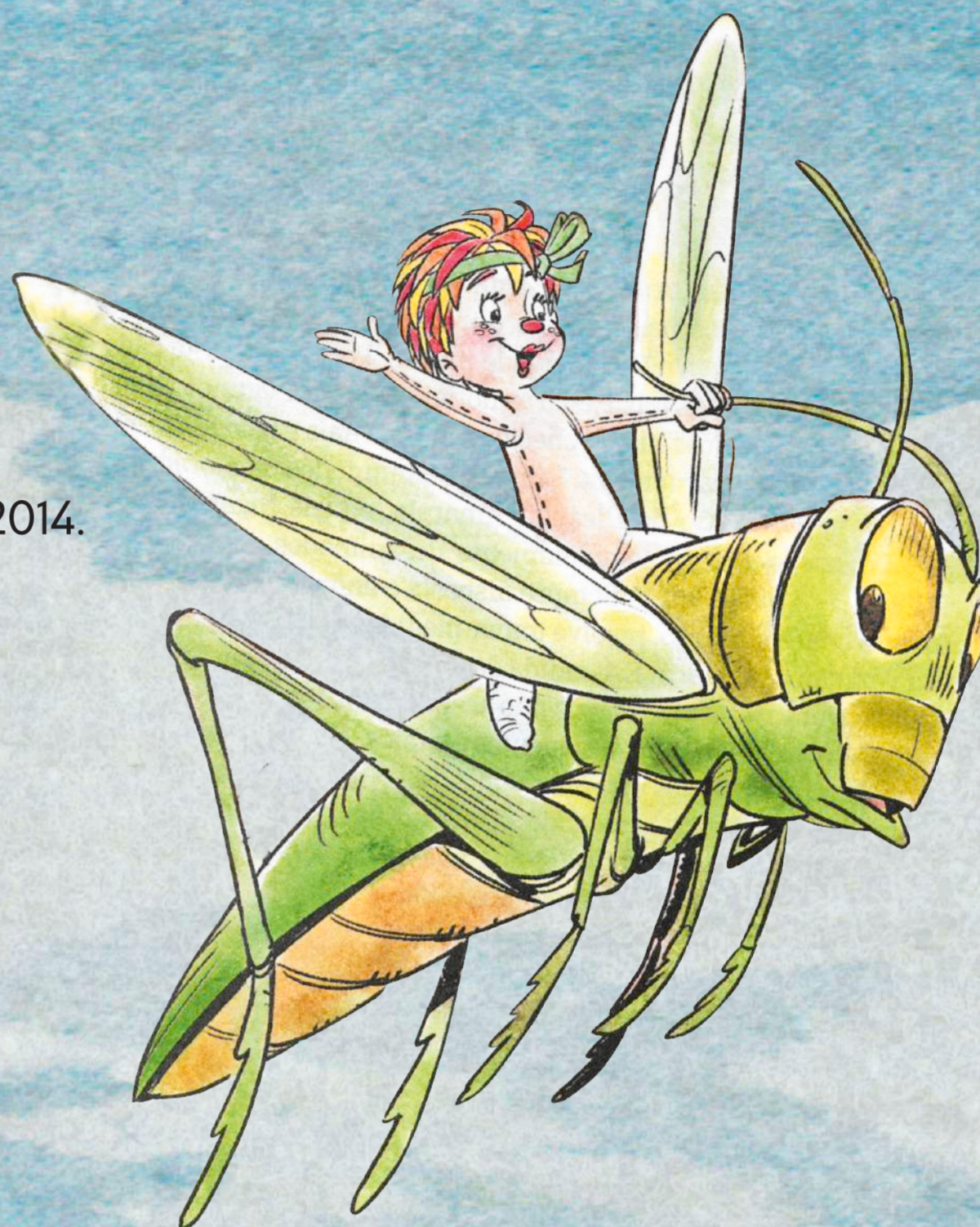
Ilustração: Manoel Victor Filho



BIBLIOGRAFIA

LITERATURA INFANTIL

- A chave do tamanho.** São Paulo: Globo, 2008.
Aritmética da Emília. São Paulo: Globo, 2009.
Caçadas de Pedrinho. São Paulo: Globo, 2008.
Emília no país da gramática. São Paulo: Globo, 2009.
Geografia de Dona Benta. São Paulo: Globo, 2013.
História das Invenções. Ed. Comentada. São Paulo: Globo, 2014.
Histórias de Tia Nastácia. São Paulo: Globo, 2009.
Histórias Diversas. São Paulo: Globo, 2011.
Memórias da Emília. São Paulo: Globo, 2007.
No Tempo de Nero. São Paulo: Globo, 2013.
O Minotauro. São Paulo: Globo, 2010.
O Picapau Amarelo. São Paulo: Globo, 2010.
O Poço do Visconde. São Paulo: Globo, 2010.
O Saci. São Paulo: Globo, 2007.
Os Doze Trabalhos de Hércules. São Paulo: Globo, 2010.
Reforma da natureza. São Paulo: Globo, 2008.
Reinações de Narizinho. São Paulo: Globo, 2012.
Serões de Dona Benta. São Paulo: Globo, 2014.
Viagem ao céu. São Paulo: Globo, 2008.



VERSÕES DE CLÁSSICOS LITERÁRIOS PARA CRIANÇAS

- Aventuras de Hans Staden.** São Paulo: Globo, 2009.
Dom Quixote das crianças. São Paulo: Globo, 2010.
Fábulas. São Paulo: Globo, 2010.
História das Invenções. São Paulo: Globo, 2014.
História do Mundo para Crianças. São Paulo: Globo, 2015.
Peter Pan. São Paulo: Brasiliense, 1994.
Peter Pan. São Paulo: Globo, 2009.

PÁGINAS NA INTERNET

MONTEIRO LOBATO (1882-1948) E OUTROS MODERNISMOS BRASILEIROS.

Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/home.htm>.>

MUSEU MONTEIRO LOBATO. Disponível em: <<http://museumonteirolobato.com.br/>>.

Monteiro Lobato:

O Maravilhoso Universo do Sítio

Curadoria: Pâmela Bastos Machado

FICHA TÉCNICA

FERNANDO DAMATA PIMENTEL
Governador do Estado de Minas Gerais

ANTÔNIO ANDRADE
Vice-Governador

ANGELO OSWALDO DE ARAÚJO SANTOS
Secretário de Estado de Cultura

JOÃO BATISTA MIGUEL
Secretário de Estado Adjunto de Cultura

LUCAS GUIMARAENS DE ARAÚJO RIBEIRO
Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário

CLEIDE A. FERNANDES
Diretora do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas Municipais

Equipe do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas Municipais

Aparecida do Carmo
Ericka Fantauzzi
Nathalia Leonie
Silvania Alves
Vânia Macedo

Revisão
Flávia Figueirêdo

Designer Gráfico
Léo Camisão